

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Luiza Pires Roos

**“VOU-ME EMBORA PARA LÁ”:
EXÍLIO, MIGRAÇÃO E MORADIA**

Santa Maria, RS
2022

Luiza Pires Roos

“VOU-ME EMBORA PARA LÁ”: EXÍLIO, MIGRAÇÃO E MORADIA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharela em Psicologia**

Orientado: Prof. Dr. André Oliveira Costa

Santa Maria, RS
2022

Luiza Pires Roos

“VOU-ME EMBORA PARA LÁ”: EXÍLIO, MIGRAÇÃO E MORADIA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharela em Psicologia**

Aprovado em 11 de fevereiro de 2022:

André Oliveira Costa, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Luciana Portela Kohlraush, Ma. (UFN)

Aline Guimarães Benfica, Dra.

Santa Maria, RS
2022

AGRADECIMENTOS

Na impossibilidade de conseguir elencar por onde e como cada pessoa que caminha comigo pelos desertos da vida ecoa em mim, nomeio-as (em ordem alfabética):

Por todas as casas que pude encontrar e fazer pela vida:

Alice, Aline, Ana Luiza, Carla, Debora, Gabriela G., Gabriela S., Jéssica, Julia, Kuki, Luis, Mari, Marina, Moura, Nara, Natalia, Nice, Panka, Raquel, Sérgio, Tamara, Thais.

Pelas trocas, transmissões, confiança e marca em minha trajetória:

Adriane, Amanda, Ariadini, Gabriela O., Luis L., Omar.

Pela construção de um espaço de discussão:

Linha de Intervenção Psicossocial com Imigrantes e Refugiados

Por fim, por topar e acolher meu desejo de me implicar e se implicar junto comigo com a temática, fazendo desse momento uma experiência rica e prazerosa, me permitindo fazer movimentos nem sempre tão organizados, mas na medida do possível se colocando disposto a trilhar comigo as trajetórias propostas:

André.

A todes vocês,
Muito obrigada

RESUMO

“VOU-ME EMBORA PARA LÁ”: EXÍLIO, MIGRAÇÃO E MORADIA

AUTORA: Luiza Pires Roos
ORIENTADOR: André Oliveira Costa

A partir da experiência de escuta clínica de nativos e imigrantes, o presente trabalho se propõe a pensar que a migração, enquanto deslocamento, se apresenta a todos os sujeitos, estejam eles atravessando fronteiras físicas ou psíquicas. Nessa esteira, considera-se que o sujeito seja por excelência um sujeito migrante que, primordialmente, se encontra em exílio. A partir dessas considerações, realiza-se um percurso sobre o processo de estruturação do sujeito, percorrendo pontos específicos que dizem do estabelecimento de sua condição de migração e exílio a partir do laço que ele estabelece com o Outro. A relação entre sujeito e Outro impele-o ao encontro com aquilo que, sendo familiar, lhe aparece como estranho, deixando-o na condição de estrangeiro para si mesmo. Desse modo, o deslocamento se mostra como o norte que organiza o sujeito nesta aposta, para que este possa advir, recriar e constituir uma moradia em seu lugar de chegada.

Palavras-chave: Exílio. Migração. Moradia.

ABSTRACT

“I’M DEPARTING AWAY”: EXILE, MIGRATION, AND HOME

AUTHOR: Luiza Pires Roos
SUPERVISOR: André Oliveira Costa

The current paper is guided by the psychoanalytic listening experiences of immigrants and natives, allowing us to consider that migration, as a displacement, occurs to all subjects regardless of the border they cross, whether geographical or psychic. In that way, it is considered that the subject is, par excellence, a migrant subject and primarily finds himself/herself in exile. Based on these considerations, the subject’s structuring process is developed, covering specific points that relate to the establishment of his/her migration and exile conditions based on the bond he/she establishes with the Other. The relationship between the subject and the Other impels him/her to the encounter with what, though familiar, appears to him/her as strange, leaving him/her in the condition of finding himself/herself as a foreigner to himself/herself. In that way, the displacement is a north that organizes the subject on this bet so he/she can come, recreate, and constitute a home in the place of arrival.

Keywords: Exile. Migration. Home.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - “Homem protegido embaixo de um sorriso bobo”	11
Imagem 2 - “O homem morando onde não lhe cabe mais” (óleo sobre tela, 99 x 115 cm).....	18
Imagem 3 - Representação da Banda de Moebius.....	19
Imagem 4 - “Homem destruindo para se encontrar” (óleo sobre tela).....	22
Imagem 5 - “Evadido”	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O SUJEITO E SEUS EXÍLIOS	10
3 DO ESTRANHO AO <i>ES-TRANGEIRO</i> E ÀS MIGRAÇÕES	18
3.1 DA FAVELA À CIDADE, COM CAROLINA MARIA DE JESUS	23
3.2 PARA UMA NOVA MIGRAÇÃO, UM NOVO PONTO DE PARTIDA: VISITANDO ELENA FERRANTE.....	25
3.3 UM NOVO TERRITÓRIO DE PARTIDA: ATRAVESSANDO O SERTÃO COM GRACILIANO RAMOS	26
4 MORADIAS	29
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXO 1	42
ANEXO 2	43

1 INTRODUÇÃO

O presente escrito parte dos efeitos da escuta de sujeitos, imigrantes e nativos, na Clínica de Estudos e Intervenção em Psicologia (CEIP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação psicanalítica, no decorrer de dois anos de estágio da pesquisadora, bem como das trocas realizadas pela linha de pesquisa-extensão “Psicanálise e Migrações: efeitos clínico-políticos dos deslocamentos”, resultado da parceria entre o Núcleo de Psicanálise/CEIP e o Migraidh¹. Nesse contexto, contrário ao que possa parecer, a respeito desses sujeitos não haverá separações baseadas em nacionalidades, tampouco em contextos socioculturais. Desse modo, parte-se aqui de um embasamento teórico freudo-laciano que possibilitará pensar o sujeito a partir da perspectiva de que todo sujeito psicanalítico é, por excelência, um sujeito migrante em deslocamento.

Os primórdios da constituição deste sujeito relacionam-se necessariamente a um exílio fundamental que o precede em sua existência. Diante disso, o desejo que irá materializar sua presença vem daqueles outros que o idealizaram, lhe deram um nome, criaram expectativas sobre ele e o situaram no território de uma linguagem que será transmitida e lhe permitirá realizar um percurso.

Assim sendo, partindo desse primeiro momento, e fazendo uma trajetória pela sua estruturação, reconhece-se pontos de ancoragem que dão sustentação à ideia de sujeito migrante. Isso porque, de sua preexistência à sua *ex-istência*, há um trajeto que não é percorrido sozinho, mas que passa pela configuração do Outro, de outros e pelas marcações traumáticas do advir ao mundo. Ademais, esse último ponto associa-se à condição de desamparo – desamparo primordial, neste caso –, o qual acredita-se que é justamente a posição de exilado, característica fundamental da constituição psíquica que se atualiza para ele no decorrer de sua vida.

Essas questões a respeito do sujeito exilado serão, dessa maneira, enlaçadas à perspectiva da linguagem, do narrar e da possibilidade de enunciar seu desejo, culminando no seu movimento migratório enquanto um deslocamento em relação à sua posição frente ao laço social, isto é, à construção de moradia – um lugar que seja possível habitar. Assim, as coordenadas deste trabalho serão orientadas pela constituição do sujeito enquanto um exilado por excelência, seu encontro com o duplo

¹ Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão – Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

enquanto um estrangeiro que habita esse território do Outro. Neste percurso, analisaremos quais são as condições e como elas são construídas ou destruídas para dar combustível ao movimento desse sujeito em direção à sua *ex-istência* e à construção de moradias possíveis tendo como suporte e contornos recortes clínicos e um percurso pela literatura com 3 autores que ajudam a ilustrar um pouco das migrações que o presente trabalho apresenta.

2 O SUJEITO E SEUS EXÍLIOS

O sujeito é prescindido pela linguagem. Antes de nascer, é inserido num território construído por aquele que o deseja. Assim, talvez seja interessante pensar que o sujeito nasce em exílio, pois é situado pelo Outro, por suas expectativas e ideais, é nomeado por ele e é, inicialmente, inserido no social por meio de sua linguagem. Nesse contexto, concorda-se com Lacan ao considerar o sujeito como aquele que se estrutura a partir de seu laço com o social, através da linguagem, a qual é composta por um arcabouço simbólico que se relaciona com os contextos em que se está inserido e diz também respeito a um Outro.

Esse Outro não é apenas uma pessoa física, mas é, também, aquela a quem foi designada a função de cuidar e de introduzi-lo numa ordem simbólica. No seu ato, esse Outro vai inscrevendo o indivíduo no território da linguagem, de forma que o sujeito se constitua neste lugar estrangeiro, da língua do Outro (materno), por onde é transmitido a ele seu discurso. Logo, inicia-se o processo de alienação do sujeito em constituição. Com isso, este se vê falado e situado por uma língua Outra que o exila num território estranho, em que o desejo vem associado diretamente ao que o Outro endereça e imprime. Neste processo, o sujeito se vê na diretriz inicial de tentar responder, tentar se fazer objeto de desejo do Outro, completamente exilado de uma narrativa própria, autoral.

Desse modo, a inscrição dessa alteridade no percurso do sujeito se desenvolve pela introdução primária de um significante primordial, intitulado traço unário, o qual faz marcação do sujeito no campo do Outro. Nos primórdios de sua constituição, a criança encontra-se em uma relação direta e fusional com a mãe (ELIA, 2010). Adicionalmente, nesse processo de identificação com essa figura, sua constituição começa a assimilar alguns endereçamentos do(a) cuidador(a) e, ao entrar no jogo de oferta e resposta, o indivíduo move-se em direção ao campo do Outro. Este se situa, então, como um primeiro território estrangeiro, o qual incita uma movimentação a questionamentos, dentre eles: “o que se quer aqui?”.

Além disso, os primórdios desse movimento se dão no Estágio do Espelho (LACAN, 1966). Pela visão de seu reflexo diante do espelho, o sujeito consegue reconhecer a si mesmo, seu corpo e seu eu, através da confirmação do Outro, que concorda e indica o seu lugar. Contudo, a imagem com a qual se depara é especular e invertida, assim, reconhecendo-se invertidamente pelas indicações do Outro. Ou

seja, o sujeito identifica-se, nesse primeiro momento, a partir do campo enigmático do Outro e, dessa forma, tem sua própria noção de eu alienada às assertivas dele.

Esse momento, como Lacan (1966) articula em seu texto, expõe o drama do movimento inicial do sujeito, no qual ele se situa insuficiente e, a partir da assertiva de “sim, é você nessa imagem”, se antecipa a um engodo de identificação alienante (Imagem 1) que marcará seu desenvolvimento psíquico. A partir disso, o saber do eu se organiza e se movimenta mediado pelo desejo do Outro.

Imagem 1 – “Homem protegido embaixo de um sorriso bobo”



Artista: Susano Correia.
Fonte: *Instagram* do artista (2021).

Ainda, no início de sua vida, o sujeito se encontra completamente situado e contextualizado em relação ao seu cuidador. Sua existência, suas necessidades, seus prazeres e desprazeres habitam esse território do Outro e se tornam difíceis de serem localizados em si, sendo a distinção entre o que é seu e o que é do Outro difícil de ser identificada. Com isso, a ausência de coordenadas sobre onde se localiza seu objeto causa de desejo o situa enquanto sujeito faltoso por excelência e, como afirma Safatle (2008), a perda desse objeto é necessária para que o sujeito consiga individualizar-se frente aos outros.

Assim, esse momento organiza-se enquanto uma colagem Sujeito-Outro. Quando começa a se questionar sobre o que o Outro deseja, há a suposição de que ele seja a resposta a esse primeiro enigma. Essa lógica, como colocada anteriormente, exige que *a posteriori* o sujeito faça cair o Outro como aquele que demanda do sujeito sua completude e, dessa maneira, torna-se possível escutar e articular seu desejo a partir do recalçamento da perda do objeto.

Nesse sentido, um ponto fundamental para que esse processo seja realizado diz respeito à entrada de um terceiro na relação Sujeito/Outro (bebê/mãe). Essa presença ressitua a posição do sujeito e do Outro, possibilitando deslocamentos que viabilizam a simbolização do objeto perdido. Logo, a partir da entrada do nome-do-pai, tem-se condições para que o sujeito direcione sua energia psíquica e seu desejo em busca de objetos substitutivos.

A importância desse momento se institui pelo que Joel Dör (1989) coloca como “aceder à dimensão do ter”. Essa migração de posições da criança – que parte do “sou o objeto”, “sou seu falo” – para o lugar de sujeito, a qual se constitui como uma operação de linguagem em que a criança se implica em renunciar o objeto perdido, fundamentando-se no processo de recalçamento do significante fálico, o significante do desejo da mãe (DÖR, 1989). Por conseguinte, esse objeto, enquanto causa de desejo – objeto a –, por se apresentar enquanto faltoso, é também aquele que angustia o sujeito, ou seja, aquele que o convoca a emergir, pois é o que viabiliza a formação de um enigma e, posteriormente, de um sintoma.

Assim, esses primeiros momentos de sua constituição são a condição primordial que Freud chama de desamparo. Nesse tempo, o adulto responderá aos sinais de apelo da criança, ou seja, o Outro materno devolve, ao bebê, o que interpreta e, assim, cria-se um campo de referências simbólicas que se estruturam enquanto discurso do Outro. Diante disso, na condição do desamparo psíquico – o qual podemos considerar um trauma primeiro –, a criança não tem condições psíquicas e materiais para promover ações necessárias à sua sobrevivência, sendo necessário um suporte primeiro para essa elaboração.

Nesse viés, o desamparo enlaça-se na constituição do sujeito, devido à sua inscrição em seu psiquismo enquanto trauma. Ademais, diante daquilo que não tem referência possível que sustente simbolicamente a experiência, seu registro se dá por afetos de desprazer, o qual pode retornar atualizado no decorrer de sua vida. Apostase, contudo, que o adulto por vir tenha tido condições de elaborar essa situação.

Dessa forma, considerando que foi capaz de fazer um deslocamento do registro da cena traumática, no campo do real para o campo do imaginário, ele terá condições de produzir algo em situações que implicam em uma atualização possível desse registro. Ainda, considera-se que essa possibilidade se dará num segundo tempo, o qual não dependerá diretamente de outrem para a sua sobrevivência. O desamparo, assim, soma-se como um registro elaborado e constitutivo de sua estrutura, a qual permite tê-lo como uma lembrança enfraquecida da situação.

Com isso, essa reincidência do desamparo irá se orientar a partir do contexto da pessoa. Pode-se dizer, inclusive, nas devidas proporções, de uma posição do Outro, enquanto não barrado, que faz incidir no sujeito seus próprios significantes. Esse movimento pode vir a ter efeitos de dessubjetivação, impondo suas significações de maneira que congele a possibilidade de deslizamento dos significantes próprios do sujeito, silenciando-o. A partir disso, e em concordância que todo sujeito é um sujeito situado na linguagem – entendida enquanto campo, território e um universo que contém e subsume o sujeito –, podemos afirmar que esse impedimento do falar, situado pela experiência do excesso do Outro, induz o sujeito a um processo de esvaziamento simbólico que diz respeito a uma impossibilidade não apenas do falar, mas principalmente do seu endereçamento na construção de laços com o Outro.

Sobre esse excesso do Outro, trago um recorte de atendimento de uma paciente em escuta². Sua chegada à clínica foi permeada pela queixa referente às dificuldades com relação à pandemia da Covid-19, destacando-se questões de como manter uma rotina pessoal e em relação aos estudos, bem como sobre manter-se em casa. Com o decorrer dos atendimentos, essas questões retornaram, contudo, a partir de um desdobramento que a fez questionar se era ela que desejava o curso da faculdade, o qual estava matriculada, ou se esse era um desejo “da casa”, entendidos aqui como o Outro materno e o Outro do grupo familiar.

É importante pontuar que, neste caso, o desejo “da casa” não vinha apenas da casa enquanto núcleo familiar, mas também do campo das relações estabelecidas dentro do grupo religioso onde a paciente foi inserida desde muito nova. Apesar de chegar na clínica localizando-se pela imposição de seguir os desejos e as demandas familiares no campo profissional, ela já indicava haver rompido com excessos desse

² A utilização deste e outros relatos de caso ao longo do trabalho se ancoram no Termo de Consentimento que todos pacientes em atendimento na CEIP assinam. O termo se encontra na seção de anexos do trabalho.

grupo no que concernia à exigência de frequentar a igreja e partilhar os credos desta. Sobre esse momento, ela relata que foi a partir daí, da demarcação de um limite ao Outro, que começou a vislumbrar outras possibilidades de fazeres. Ao se puxar para fora d'água, conseguiu respirar. Ao conseguir situar seu desejo de não fazer parte disso, pode ver uma brecha de uma vida com menos excesso do Outro, de um lá.

Desse modo, essa breve tentativa de organizar um pouco os lugares do sujeito e a sua estruturação servem como ponte para o presente trabalho. As notícias sobre o sujeito e a sua condição de exilado colocam-se como prenúncios dos deslocamentos por vir. Assim, a partir de agora, podemos pensar que todo sujeito é um sujeito migrante. Então, para iniciar esses deslocamentos, parte-se do princípio: o exílio. Ademais, inúmeras são as referências que apresentam, no presente trabalho, a etimologia da palavra como: “fora de”. Logo, recuperar esse ponto é de suma importância, pois ajuda a localizar o exílio constitutivo do sujeito.

O nascimento do sujeito o situa de início no campo do Outro. Lá, como já colocado anteriormente, se encontra um território rico em expectativas, idealizações e em uma linguagem, a qual é transmitida a ele. Nessa esteira, desde o princípio é imposto ao sujeito uma existência no lado de fora, isso porque sua existência é sinônimo de habitar esse território criado pelo Outro, com suas leis e desejos. Dessa maneira, a chegada nesse lugar se constitui alicerçada também no trauma, um primeiro desamparo que se articulará como constituinte psíquico do sujeito. Aqui situa-se a necessidade extrema de um entorno seguro, que garanta a ele as condições para que seu sofrimento cesse e suas necessidades sejam atendidas. Assim, sua subjetividade se faz relacional (VINÃR, 2017), enlaçada naqueles que o respondem e se constituem como uma muralha de proteção ao sujeito.

Esse momento fundante faz inscrições no psiquismo do sujeito, o qual, no decorrer de sua constituição, deverá recalcar essas primeiras experiências traumáticas. Assim sendo, o recalque, enquanto um processo psíquico, é aquilo que diz respeito à formas de desejo que não são reconhecidas, admitidas. A operação enquanto recalque primordial é aquilo que dá origem ao inconsciente e, posteriormente, se repete e retorna.

Diante disso, a alienação ao campo do Outro implica que o sujeito, e os seus desejos, não sejam próprios. Desde as indicações sobre a imagem que vê refletida no espelho e as assertivas dos outros sobre ser ele, seus processos identificatórios se veem todos aliados a um saber no campo do Outro. Como decorrência desse tempo,

tem-se um processo de fusão do sujeito e do Outro, eles são um. O sujeito é aquele indicado pelo Outro na imagem refletida do espelho, pois é ele quem detém os saberes, deixando, assim, o sujeito sitiado. Logo, ele é aquele corpo refletido, indicado pelo Outro – quem detém os saberes sobre ele. Ou seja, exilado à verdade do Outro.

Contudo, conforme indicado por Lacan (1962-1963), há algo que escapa, há uma imagem não capturada no espelho, o objeto a. Este é o que possibilita o campo de saída do sujeito, pois é o ponto em que se angustia. E, de acordo com o psicanalista, é a angústia que convoca o sujeito a emergir. Mas, e o exílio e o sujeito? O exílio se apresenta como aquele lugar em que o sujeito *ex-iste*. Assim, por estar vivendo no território do Outro, ele está inserido numa linguagem não sua, está alienado e relegado aos desejos e às demandas dos outros. Portanto, estará ele, sujeito, vivendo num lugar imposto, em que seu desejo não é posto em jogo e onde não há interrogação sobre ele.

Já a passagem ao ato, como é colocada por Miller (2005), diz respeito à quando o sujeito sai de cena, deixa de estar lá no campo do outro. Com isso, é pela via daquilo que começa a fazer questão que a falta começa a se situar naquele resto perdido, que um enigma começa por se criar. Esse horizonte de que há algo a mais pode vir, desse modo, atrelado à angústia do sujeito frente a uma colagem radical do Outro, um excesso, uma tentativa de colonização total do sujeito. Logo, o sujeito, já por excelência e por primazia exilado, se encontra também sob ataque. Assim, a importância do recalque para esse contexto parece dialogar com o que é possível simbolicamente constituir como pontos de ancoragem, os quais viabilizam ao sujeito transitar por situações traumáticas.

As tentativas de colonização total do sujeito pelo Outro podem, com isso, ser um fio que irá atualizar seu desamparo psíquico. Isto é, ao se tentar fazer total para o sujeito, acaba-se por esvaziar simbolicamente a perspectiva da falta, fundamental para que haja desejo, de maneira que a falta deixa de faltar. Se esse Outro se autoproclama enquanto todo, um, e impõe suas respostas ao sujeito, esse se vê desassociado de um enigma. Ou seja, não precisa sequer saber, pois há alguém que tem as respostas. Logo, o sujeito não só está exilado de si, mas também daquela parte que lhe falta, de sua própria angústia, da sua enunciação de seu desejo autoral.

A partir disso, e de acordo com Flavia Trocoli (2020), o exílio do sujeito – como está sendo situado neste trabalho – e o exílio do qual se está habituado a pensar socialmente não dizem respeito a um acolhimento. A invasão do Outro no campo do

sujeito, pela suspensão da falta, produz o apagamento do sujeito, tal qual na afânise, termo que Lacan (1958-1959) retoma de Ernest Jones, ao indicar que esse efeito seria o desaparecimento do sujeito dividido. Assim, nessa situação, o referencial simbólico está sem economia pulsional para fazer resistência a isso. É preso no exílio sem lenço e documento, e suas perspectivas identitárias, que dariam a possibilidade de articulação para rever sua posição frente a isso, estão completamente atreladas ao Outro, não sendo de interesse dele que isso mude. Sobre isso, Benslama (2009, p. 9), em sua contextualização sobre a conexão entre exílio e existência, afirma:

A noção de exílio está em perfeita harmonia com o significado essencial de existência, ela chega a essa dimensão estática que o homem tem de um desejo de sair de exterior, desejo e medo ao mesmo tempo, e que isto pode mesmo ser incorporado do exterior, desejo excessivo de exterior, uma experiência de um excesso do exterior que pode ser dolorosa.

Seguindo essa direção, o jogo do interior/exterior, dentro/fora, que diz respeito a esse primeiro exílio, tenciona uma primeira migração do sujeito. Em outras palavras, Freud (1919) narra a clássica cena em que está no trem e vê um estranho refletido no espelho, demorando algum tempo até reconhecer que era ele próprio. Esse momento de sua teoria nos auxilia, desse modo, a pensar que esse dentro e fora se organizam enquanto o estranho e o familiar. Cabe aqui pontuar as diversas formas de traduções do texto, visto que todas elas colocam essa dicotomia entre o dentro e o fora, o familiar e o infamiliar, o cômodo e o incômodo, o inquietante e o que convoca.

Assim sendo, esse encontro com esses dois lugares parece se articular pela via de uma dinâmica, na qual um não é sem o outro e um não é com o outro integralmente, pois é necessário um deslocamento. Seja uma migração físico-geográfica, seja ela pelo território do inconsciente, habitar esses lugares estrangeiros refere-se a reconhecer sua própria *es-trangeiridade* e a estrangeiridade de onde se encontra.

O movimento de estranhamento, o encontro com uma *es-trangeiridade* é, dessa maneira, viabilizado pelas formações inconscientes. Isto é, atos falhos, chistes, sonhos, dentre outros, os quais configuram notícias do inconsciente à consciência. Ainda, suas irrupções fazem com que o sujeito comece a não entender, a estranhar. Catherina Koltai (1997) situa isso a partir das formações do inconsciente, como o que indica que há um estrangeiro, um ser que nada sabemos, habitando o mais íntimo do sujeito e que este, de pouco em pouco, vai impondo um encontro dele com o seu

duplo. Enquanto algo que deveria permanecer oculto, mas que, apesar de tudo, apareceu o duplo, o estranhamento que se fez presente por um lapso, um sonho que, de alguma maneira, coloca ao sujeito uma questão sobre o “o que há mais?”.

Além disso, essa abertura de possibilidade que vem acompanhada do infamiliar diz também respeito à atualização do desamparo pois, escrito na letra do inconsciente, convocando o sujeito, implica em convidá-lo a se haver com sua posição frente ao seu sintoma. Ou seja, entre o sujeito e o seu duplo, há o reconhecimento de que algo falta. Nesse contexto, Ivan Estevão e Fabiana Ratti (2015) contextualizam o conceito de falta ao objeto a, pontuando que a duplicidade externo/interno não é o que o sujeito enfrenta, mas sim a castração, o gozo, o falo e o Outro. Assim, em face ao extremo da angústia frente à falta, surge um espaço, um vazio que irá situar algo que resta, que transborde a angústia a partir de onde o sujeito é singular. Desse modo, é a partir dessa singularidade que o sujeito irá construir, criar e erguer algo novo, autoral.

3 DO ESTRANHO AO *ES-TRANGEIRO* E ÀS MIGRAÇÕES

Parte-se então de um lugar constituído pela falta, pelo vazio que convoca o sujeito, a partir da sua angústia, da sua posição primordial de exilado, aquele que habita uma terra emprestada. Se a partida se dá por aí, então a migração, enquanto deslocamento entre posições do sujeito frente ao discurso do Outro, começa a nos dar notícias pois, como afirma Benslama (2009), o exílio traz a experiência de escolha pela ruptura e pelo distanciamento com as referências de origem e, adiciono, em busca de achar uma brecha possível para constituir seu lugar, seja por uma migração a nível psíquico ou a nível físico-geográfico. E, para ilustrar tal experiência, tem-se a imagem 2:

Imagem 2 – “O homem morando onde não lhe cabe mais”
(óleo sobre tela, 99 x 115 cm)



Artista: Susano Correia.
Fonte: *Instagram* do artista (2021).

Por que as pessoas migram, então? A história da humanidade, até onde se tem notícias, constitui-se por esse movimento de sair de um lugar e ir para outro. A migração existe, desse modo, porque existem barreiras, limites e fronteiras a serem

cruzadas. Algumas das possibilidades de procura por esse caminho, anteriormente, referiam-se à condições possíveis de sobrevivência do ser humano. O ser nômade deslocava-se em busca de condições ambientais favoráveis à sua existência, como temperatura e alimentação. Hoje, os mesmo motivos ainda se aplicam nas devidas proporções e, a esses contextos, somam-se desastres ambientais, perseguições políticas, busca por melhores condições sociais e econômicas, dentre outros.

Assim sendo, isso que move o sujeito, que o impele ao movimento, se articula, também e necessariamente, pelo âmbito do social e do singular. Sobre isso, Mario Fleig (1999) retoma a tese de Lacan sobre o inconsciente ser transubjetivo e social, ou seja, ressaltando que o inconsciente, estruturado como linguagem, diz que todo sintoma é também social, de forma que há um enlaçamento entre o sujeito e os conflitos próprios de cada cultura. A subjetivação tem, assim, sua origem na privação, onde o sujeito pode fazer surgir um saber do qual está excluído e perante o qual se sente inadequado para significar sua causa (FLEIG, 1999), o desejo. Contudo, apenas indicar o desejo enquanto aquilo que permite os deslizamentos significantes para o sujeito não parece ser o suficiente para justificar seus deslocamentos.

Topologicamente, Lacan traz a figura da banda de Moebius (Imagem 3), uma fita estruturada de tal forma que, ao percorrer a sua superfície, se consegue dar uma volta completa apenas com o deslizamento do dedo, sem tirá-lo do papel. Esse trânsito no espaço da banda, num intervalo de tempo, relaciona-se com o que é possível se ter notícias sobre os significantes que compõem o discurso do sujeito.

Imagem 3 – Representação da Banda de Moebius



Artista: Luis Eduardo Kieling Roos.
Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Além disso, Freud (1919) desenvolve o conceito do *Unheimlich* e, a partir de um estudo estético – como contextualiza sua pesquisa –, apresenta a etimologia da palavra através de diversas línguas. O percurso por esses significados trouxe notícias sobre uma dualidade, que se articula entre um doméstico/familiar e aquilo que é estranho, logo, infamiliar. Nesse deslizamento, há o que deveria ter permanecido em segredo, oculto, mas apareceu. Um não pertencimento que parece familiar, mas não se sabe como isso se articula.

Assim, conceitua-se o Estranho, um afeto, uma sensação sobre um pertencimento a respeito de alguma coisa que o sujeito não parece reconhecer como dele. É sobre essa presença do mais íntimo que emerge, da ambivalência que a questão do duplo se faz presente. E, como postulado pelo psicanalista, seu caráter incômodo pode proceder do fato deste ser criação de um tempo remoto, recuo a um sentimento do eu em um tempo em que não havia um limite em relação ao mundo externo e aos outros, de maneira que esse afeto resulta em inquietude, desamparo e angústia. Contudo, assim como em “mas apareceu”, há, na presença desse duplo, uma inquietação que indica uma fronteira. Ou seja, há a presença de uma alteridade possível de ser contornada por uma referência, constituindo-se enquanto o referente *es-trangeiro*.

Abro aqui um breve parênteses para situar a decisão por escrever *es-trangeiro* ao invés da escrita comum – estrangeiro –, orientando-me por estabelecer no presente trabalho uma diferença de função dentro da discussão proposta. Assim, por considerar os efeitos que a *es-trangeiridade* tem no sujeito e a extirpação (ZYGOURIS, 1998) dessa alteridade exigida para que o sujeito possa advir, opto por essa escrita para distinguir esse conceito das pessoas que vão morar em outros lugares, físico-geográficos, que socialmente são atreladas ao termo estrangeiro, na sua escrita comum, e que como consequência são marginalizadas e vítimas de inúmeras violências verbais e físicas.

A presença do *es-trangeiro*, portanto, orienta a realização de uma alteridade que indica qual categoria de laço com o Outro se está fazendo. Dessa maneira, entre o estranho, como fantasma, e o *es-trangeiro*, enquanto aquele que não é eu, mas diz de mim, há um deslizamento constante que garante o não desaparecimento total do

eu. Assim sendo, seu desdobramento pelas articulações do inconsciente é o que dá notícias de um outro horizonte que pode vir a implicar em uma aposta.

Ademais, Caterina Koltai (1997) retoma o duplo pela via do narcisismo primário, referenciando um automatismo de repetição, do idêntico, do afeto que situa uma estranheza familiar. Com Freud, ela pontua a necessidade de reconhecer a presença da diferença enquanto tal, ou de esvaziar seu afeto em rumo a uma normalidade. Logo, é a partir desse ponto de reconhecimento da alteridade que o *es-trangeiro* advém enquanto não desejado e é, também, o que convoca o sujeito a tomar uma decisão. Ainda, Neusa Santos Souza (1998) retoma essa figura como aquela que personifica o conceito de extimidade de Lacan, termo que designa o que há de real no simbólico. Com isso, entre o estranho e o *es-trangeiro*, o dentro e o fora, há, no primeiro, a figura do ideal que se fixa num objeto e, no segundo, algo de inominável, porém, familiar.

É essa migração do estranho ao *es-trangeiro* que anuncia nossa precariedade. O direcionamento a essa outridade nos aponta que, nessa região sem fronteiras com o Outro, reina uma lógica não sua, uma outra língua que, contudo, é familiar, inconsciente. Assim, fazer a passagem ao *es-trangeiro* é poder reconhecer a inscrição do Outro na letra do inconsciente do sujeito, de forma que, pela possibilidade de reconhecimento, se constitui como uma metáfora especial, possível e objetivada de uma distância temporal subjetiva (ZYGOURIS, 1998).

Diante disso, é a construção de uma hiância que permite o sujeito reconhecer o estranho, singularizar o *es-trangeiro* e constituir algo seu frente a isso. Os deslizamentos metafóricos e metonímicos dos significantes incidem, assim, enquanto possibilidade de criação dessa aposta (Imagem 4). Ou seja, é pela resistência frente à morte certa e pelo gozo imperioso do Outro que se constitui um horizonte imaginário possível. É ele que colocará a construção de um projeto enquanto um estatuto de vida.

Imagem 4 – “Homem destruindo para se encontrar” (óleo sobre tela)



Artista: Susano Correia.
Fonte: *Instagram* do artista (2021).

Enquanto o sujeito se encontra situado no laço social pela linguagem, são as trocas no social que permitem construções simbólicas com os outros. Desse modo, como um território imposto ao exilado, os significantes antecedem qualquer significado e apresentam o sujeito a outros significantes. Isto é, o que se acha na letra e, assim, na fala, atrela o significante ao campo da linguagem, de forma que o “saber falar” e o “saber falar-se” (MELMAN, 1980) em uma língua diz muito mais do que estar em território geograficamente estrangeiro.

Reconhecer sua própria *es-trangeiridade* e a estrangeiridade de onde se encontra, portanto, é permitir-se estranhar. Melman, em seu texto *Incidências subjetivas do bilinguismo* (1980), traz notícias a respeito disso ao pontuar que saber uma língua se diferencia do conhecê-la, pois a primeira quer dizer ser falado por ela, enquanto a segunda diz respeito a uma capacidade de traduzir, de se comunicar, de maneira que há a necessidade de habitar uma língua, mas também permitir-se ser habitado por ela.

Nesse contexto, utilizo-me disso para poder retomar a questão dos deslizamentos topológicos que se dão num espaço e durante um intervalo de tempo, e que permitem estabelecer diferentes encontros com o Outro. Em relação a tomada dele sobre o sujeito, há algo que dá brecha a uma atualização do seu desamparo. Logo, a importância de uma construção simbólica pessoal diz sobre como será viável a esse sujeito elaborar e se reposicionar frente a essa ameaça.

Assim, é pela possível atualização do desamparo, o qual vem articulado por uma colagem das significações do Outro ao sujeito, que o movimento se coloca como iminente a ele. Ter seu eu e seu corpo ameaçado o convoca, portanto, à movimentações, de maneira a garantir seu bem estar físico e a sua sobrevivência psíquica. Desse modo, sair em busca de algo e almejar um deslocamento se organizam, para essa discussão, em dois campos que dialogam, o primeiro se orientará para pensar migrações pelo território do inconsciente, o sujeito migrante deslocando-se por suas ancoragens psíquicas, enquanto no segundo, o sujeito migrante opera seus deslocamentos também através de travessias geográficas. Com isso, são essas duas travessias que darão a expressão máxima do que constitui uma migração: a busca por diversidade e por tornar-se outro (ROSA, 2018).

Ademais, Eliana Betancourt, em seu texto *Um país chamado psicanálise* (2021), coloca a migração como um ato que faz o sujeito reescrever o que desde seu nascimento compôs seu arcabouço de referências e experiências. Nessa direção, é pelo reconhecimento ao trabalho psíquico exigido pelas migrações acima pontuadas que, a partir de agora, farei um percurso por algumas narrativas literárias que permitirão dar sentido aos deslocamentos migratórios que esses escritos se referem.

3.1 DA FAVELA À CIDADE, COM CAROLINA MARIA DE JESUS

“Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. [...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.”

Quando Carolina Maria de Jesus narra, em *Quarto de Despejo* (1960), seu percurso da favela ao centro, há aí um real que insiste, mas que não a deixa

impotente. Com isso, frente à crueza que é sua realidade, ela vê na escrita, na palavra endereçada a um interlocutor, a possibilidade de se posicionar frente a um discurso social que a joga para a periferia da cidade. Na presença da fome, muitas vezes imposta, ela retoma sua posição de autora e discorre sobre sua experiência.

Enquanto sujeito, ela se utiliza inconscientemente de um saber ser autora, para assim combater o horror que o mundo do indivíduo impõe. Sua migração é de poder reconhecer a tentativa de tomada do Outro, do discurso capitalista que míngua o sujeito, mas que, apesar disso, ela insiste sempre que possível, a partir das ancoragens que tinha ali. É ao ver uma brecha possível pela escrita que, então, ela vislumbra ser viável, a partir desse ato, tomar uma distância e apostar nesse fazer.

Lacan situa o imaginário enquanto aquilo que relaciona a imagem do Outro, o corpo e o engodo. Na relação entre esse território e os territórios do simbólico e do real, é possível ao sujeito constituir-se no laço, ou seja, o impossível do real é capaz de ser simbolizado pelo sujeito a partir de sua realidade. Ademais, esse deslocamento é necessário e se faz incessante ao aparelho psíquico, pois sai da lógica do tempo cronológico, de maneira que é o tempo lógico do sujeito que permite ele migrar e articular esses nós.

Para Carolina Maria de Jesus, o ato de escrever e a afirmação do ser escritora a permite e dá sustento à sua insistência em se deslocar a contrapelo à estrutura social. Assim, simboliza o real violento, literalmente, e aposta que, por esse fazer, é possível mudar sua posição física e, principalmente, psíquica em relação ao discurso violento a qual é submetida na *Pólis*. Dessa maneira, a perspectiva migratória aqui se relaciona a um jogo de insistência. Enquanto o real insiste em não se inscrever, o simbólico permite a articulação do sujeito. E, deparando-se com seu território sitiado, este procura refúgio em construções (im)possíveis e se direciona, desliza diante de uma tentativa de encerramento de significado. Sobre isso, Kristeva (1994) contextualiza muito bem a necessidade desse movimento quando coloca o caráter mortífero de aceitar essa posição, em que “o estrangeiro transformou as suas inquietações em foco de resistência, em cidadela de vida. Aliás, se tivesse ficado em casa, talvez fosse um marginal, um doente, um fora da lei [...]” (KRISTEVA, 1994, p. 16). No caso de Carolina Maria de Jesus, talvez ela morresse de fome.

Assim sendo, a *ex-istência* se impõe àquele que migra. Nesse contexto, Sayad (1998) fala de uma simetria entre o imigrante e o emigrante. O primeiro realiza uma presença estrangeira e o segundo se ausenta, se encontra no estrangeiro. Contudo,

assim como o termo, essa presença se faz na duplicidade moebiana que o imigrante/emigrante apresenta. É por se constituir como aquele que se faz presente “lá”, devido a uma necessidade, que ele se ausenta do “aqui”.

Diante disso, a partir da possibilidade de ir ao país do Outro, a fim de sair da ameaça mortífera e reorientar seu lugar subjetivo (ROSA, 2018), o sujeito poderá se reconhecer nesta alteridade, se separar e explorar outros territórios. Ou seja, simetricamente é no reconhecimento da sua alienação (reconhecer a presença estrangeira) e na busca por sua separação (reconhecer a sua presença no estrangeiro) que será possível sustentar-se.

3.2 PARA UMA NOVA MIGRAÇÃO, UM NOVO PONTO DE PARTIDA: VISITANDO ELENA FERRANTE

“Foi o som da minha própria voz a me recompor [...]”

Elena Ferrante, em seu livro *Dias de Abandono* (2002), narra os dias que passam desde o abandono de Olga, além de seus dois filhos e de seu cachorro, por seu marido. Do momento em que recebe a notícia, da revisitação aos lugares habitados a partir da posição de esposa até a passagem dos dias que culminam no final do livro, a personagem transita pelo território da perda. Ainda, desde o fim do relacionamento até vislumbrar a estranha que se tornou a si mesma, ela flertou inúmeras vezes com uma tentativa de identificação com um ideal que a levava a se questionar sobre sua suficiência frente ao relacionamento.

Seu posicionamento de calma e parcimônia até as suas explosões dizem respeito àquilo que se pode considerar tentar responder a um Outro. A impotência frente a não saber o que o Outro deseja ou, em seu caso, porque ela não é mais objeto de seu desejo, a leva a um momento de desamparo, em que ela precisa acionar seus mecanismos pessoais, seu arcabouço pessoal simbólico para dar conta da situação. Com isso, durante uma cena em que identifica sua casa invadida, Olga decide trocar as fechaduras de sua casa. É interessante aqui pensar sobre essas fechaduras, pois as fechaduras são aquilo o que permitem o acesso ao lado de dentro e ao lado de fora. É o limiar desses dois lugares e, quando se faz essa troca, o que ela está tentando delimitar?

Assim sendo, o que se sucede daí é o confinamento dela com seus filhos, devido ao mal funcionamento da chave e à irrupção do adoecimento do filho e do cachorro. Ainda, durante o que decorre, há notícias de como ela convoca o que é seu para passar por essa situação, o pedido de ajuda para a filha, suas conversas consigo mesma sobre aquela estranha que está confinada com ela e que ficou sem dar notícias por algum tempo, junto com a estranha que se tornou e, com isso, toma conhecimento a partir de se ver no espelho do banheiro, nos lembrando do encontro de Freud com sua imagem refletida em uma janela da cabine de um trem. É pela via de refazer seus tempos verbais, como coloca a personagem, que ela então consegue se posicionar frente à crise vivida.

O definhamento físico-psíquico da personagem Olga parece, dessa maneira, nos dar notícias do que a colonização do Outro pode causar ao sujeito e de como a impotência se faz mortífera ao desejo do sujeito. Ainda, o excesso, como aquilo que rompeu o movimento sobre a superfície das coisas ao final, nos permite vislumbrar os efeitos dos processos de separação, como na relação de Olga e seu marido. São esses movimentos que permitem a sobrevivência do sujeito do desejo e que também permitem que se faça revolução frente à colonização do Outro. Assim, foi o permitir a queda de seu ideal que possibilitou Olga, no final do livro, a se aventurar por outros territórios, seus e de outros outros.

3.3 UM NOVO TERRITÓRIO DE PARTIDA: ATRAVESSANDO O SERTÃO COM GRACILIANO RAMOS

Uma das propostas deste trabalho é pensar o que impulsiona o sujeito a se deslocar, a migrar. As migrações físico-geográficas atualmente se organizam a partir de uma gama de possibilidades que tocam o social e o singular. É no laço entre esses dois lugares que o sujeito migrante assume um estatuto de quase total reinvenção.

Diante disso, pensando a partir de algumas possibilidades sobre o que o faz apostar nesse outro lugar, gostaria de que fosse possível considerar seu contexto social, cultural e político, como um real que subsume o sujeito. Assim, enquanto sociedade organizada a partir de mecanismos que se orientam pelo capitalismo neoliberal, pelo Estado enquanto instituição, pelas relações que se dão com os outros e pelos discursos que atravessam os sujeitos, somos todos invadidos por esse Outro

que insiste em produzir ideais inalcançáveis e violências diversas e que, por vezes, impõe uma migração forçada aos seus.

Ainda, é importante, antes de seguir, pontuar por qual lógica o capitalismo se orienta. Isso porque, para que seja viável a sustentação desse modo de produção, uma das condições refere-se à existência de trabalhadores que não detenham os meios de produção (FERNANDES, 2019), pois assim garante-se a produção de mercadorias. A partir dessa dinâmica, há a intencionalidade de acumulação infinita de capital daquele que detém mais condições financeiras, neste caso, o dinheiro. Nessa esteira, socialmente encontramos uma sociedade que exige que o cidadão venda sua mão de obra, devido a uma necessidade de sobrevivência, de maneira que, na grande maioria das vezes, este submeta-se a salários baixíssimos, condições desumanas, além de ameaças que colocam em jogo sua própria vida.

A partir disso, fica evidente como essa organização do social impele o sujeito a um encontro com o traumático, que Rosa (2004) vincula ao desamparo social e à violência simbólica. O primeiro fala sobre uma ausência de justiça social, enquanto o segundo – que ela toma emprestado de Bourdieu, como sendo o que joga o sujeito ao campo da marginalidade – culmina em uma adesão a essa narrativa e nas consequências violentas que ela acarreta.

Assim, a literalidade de ter sua vida ameaçada é uma materialidade que impõe ao sujeito tomar uma decisão. Sobre isso, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes (1999) apresenta a posição da escolha pela clandestinidade frente à violência da Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) como uma decisão entre perder ou perder. Em seu caso, ela se perdia ao não se submeter ao estatuto de clandestina e, ao mesmo tempo, perdia a si ao optar por essa via. Dessa maneira, é a partir dessa condição que os migrantes, imigrantes e refugiados se situam: perder aqui ou perder lá.

Além disso, o contexto a respeito de onde se está também refere-se às afetações e questões que se colocam ao sujeito, de maneira que os efeitos subjetivos e intersubjetivos de situações de violência, pobreza, calamidades públicas, desastres ambientais e perseguições se enlaçam na narrativa de inúmeros sujeitos deslocados (BENSALAMA, 2009) no mundo, e o esgotamento psíquico que tais realidades carregam são fatores que somam a essa decisão.

“Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas.”

Para dar um pouco de contorno ao que trago, anco-ro-me em Graciliano Ramos. Seu livro, *Vidas Secas* (1983), narra o percurso de uma família de retirantes da região do nordeste brasileiro, assim como sua travessia do sertão em busca de melhorias em sua condição de vida. No percorrer de sua narrativa, o autor apresenta a extrema pobreza econômica e social que assola Fabiano e Sinhá Vitória, da exploração econômica à violência policial, que os levam a decidir por migrar. Diante disso, é a sua inserção no laço social pela via da exclusão e da miséria que os impele a cogitar que há possibilidade de habitar um outro lugar, que esse lugar para onde estavam indo pudesse ser melhor que os outros, que poderiam ser gente e possuir cama.

Assim, a possibilidade de ascender ao estatuto de gente se apresenta como aposta. Desse modo, a migração, enquanto um movimento que diz respeito a um deslocamento, está diretamente atrelada ao que se pode conseguir nesse outro lugar. É sobre ser gente, ter comida, insistir num sonho, sobreviver a um trauma, não ser alvo político, poder caminhar em nome próprio. Esse movimento é aquilo que vem no caminho contrário, que faz resistência ao que Rosa (2018) recupera de Mario Pujó para pensar os efeitos do que ele chama de *desamparo discursivo* (PUJO, 2000). Com isso, em contraposição à fragilização do laço social devido à estruturas discursivas que retiram do sujeito a humanidade e os jogam à periferia do social, um projeto é o que possibilita imaginariamente fazer horizonte para se intercalar entre o presente e a morte certa (ZYGOURIS, 1998).

4 MORADIAS

“A minha pátria é onde o vento passa.”

Início esta última parte do percurso proposto até aqui com esse verso de Sophia de Mello Breyner Andresen (*apud* MIA COUTO, 2016), pois há, nesse trecho, um norte possível para pensar o que Veronica Perez (2010) questiona sobre o que vem, possivelmente, a constituir uma migração.

Longe de almejar responder a essa pergunta, seguirei agora retomando os dois campos de migração do sujeito migrante que apresentei anteriormente. Neles há muitas diferenças, seja pelo o que os leva a migrar, seja de que maneira se dá essa migração. Contudo, há, em ambas trajetórias, uma especificidade em comum, o que as une: a singularidade de cada construção e a narrativa possível de ser construída.

Assim sendo, a especificidade de reconhecer o exílio como constituinte primordial do sujeito nos permitiu acompanhar os deslocamentos possíveis frente ao impossível das situações colocadas. A partir disso, tomo essas construções considerando o que Benslama (2009) pontua enquanto uma questão do lugar para a existência, a constituição de uma moradia.

Diante disso, a opção de trocar, no título deste trabalho, "Pasárgada" por "lá" é, sobretudo, uma possibilidade de poder pensar o que esse outro lugar produz como fantasia possível ao sujeito. Nesse sentido, Manuel Bandeira (1930) inicia seu poema com "Vou-me embora pra Pasárgada", a partir de um jogo dialético que uma decisão por um deslocamento apresenta de início. Isto é, vou-me embora para Pasárgada, vou-me embora para lá, pois ali onde estava não era feliz. Logo, o que levou o sujeito para lá foi a possibilidade de mudança no laço social, pois lá ele é amigo do rei e lá sua posição é possível de ser sustentada a partir de seu desejo.

Para se chegar ao lá, é preciso, portanto, retomar o que indica ao sujeito esse outro território. Lacan, ao tratar do desejo (1958-1959), faz uma diferenciação entre *pleasure-seeking* e *object-seeking*, a fim de indicar que essa busca se organiza de forma diferente, de maneira que uma é a busca por uma sensação de prazer e a outra é a busca por um objeto. Contudo, essas buscas não se encontram isoladas, mas sim em relação. Para que exista um objeto causa é necessário o investimento libidinal a partir de uma experiência primeva que possibilite a inscrição de um objeto novo, um objeto visado.

É pelo jogo do *fort-da* que podemos, desse modo, compreender materialmente a construção de um objeto causa e de um objeto visado. Da presença/ausência se apresenta a necessidade de busca por objetos substitutivos, com relação àquele perdido que, segundo Lacan, é o que escapa ao espelho. Logo, o jogo em questão diz respeito a uma apreensão do Outro – como tal – pelo sujeito, que será quem dará respostas (LACAN, 1958-1959).

Por esse viés, e com a condição do sujeito articulado no campo da linguagem, podemos concordar com Rosa (2009), a qual afirma que, quando se trata de um trauma inscrito pelo Outro colonizador que dizima o sujeito em suas marcas subjetivas, é necessário que o sujeito consiga descolar-se dessa alteridade. Assim, é nesse movimento de deslocamento que o sujeito diferencia-se e pode pensar a partir de seus significantes e referências singulares.

Ademais, Ana Gebrim (2016) lembra-nos a relação de Louis Wolfson com as línguas. O autor não suportava a invasão que a língua materna o acarretava, rasgando-lhe os tímpanos, o que tornava impossível falar e quiçá ouvi-la. Nesse viés, Melman (1992) pontua que a língua materna é aquela que introduz o sujeito no campo da fala e, assim, da linguagem. Diante disso, ele afirma que é por essa língua que a mãe, enquanto interdita, é aquela que expõe a falta, indica o impossível do desejo.

Ainda, quando Gebrim (2016) traz o exemplo do escritor americano, a autora mostra-nos que a língua materna, a do Outro, se apresenta enquanto uma lembrança da mudez do desejo (MELMAN, 1992), da posição do sujeito enquanto alienado. Logo, foi a partir da busca por conseguir habitar *uma* língua, que se rodeou por inúmeras outras, estrangeiras, que foi possível neutralizar a palavra vinda da língua materna. De maneira que, é apenas na construção de uma gramática própria, de sua autoria, capaz de silenciar e desconstruir a palavra vinda da outra língua, que foi viável a ele fazer moradia.

O deslocamento exigido para erguer essa construção, dessa maneira, não se constitui apenas como aquilo que dá um lugar a algo, mas, principalmente, reforça que é a partir de onde se torna exequível se sustentar no laço com o Outro. Diante disso, com o intuito de ilustrar essa construção, apresento o relato de uma paciente em escuta clínica no Núcleo de Psicanálise/CEIP/UFSM.

A sua chegada ao Brasil, em 2015, iniciou com a expectativa de facilidade de acesso ao ensino superior. Durante os primeiros meses a um ano de estadia no país, ela relata que, devido às dificuldades com a língua, com o se expressar e poder

endereçar-se, mesmo se situando como uma pessoa muito falante, optou-se por silenciar-se, por deixar de falar. E, quando finalmente consegue a documentação e ingressa no curso escolhido, ela se vê novamente em uma posição de silenciamento, a qual reforça um lugar social periférico, reafirmado por algumas pessoas de seu convívio. Contudo, apesar dos discursos que indicavam que não era possível compreender o que ela dizia, frente a suas próprias dúvidas e também à desvalidação de sua inteligência, ela narra a possibilidade de endereçamento a alguns colegas.

É importante pontuar aqui que sua chegada na clínica se dá junto a uma expectativa de resposta minha frente à sua demanda inicial. Isso porque a questão “tu não vai me falar nada?” voltava no fim da maioria das sessões que tive com ela, mas considerando que ela conseguia seguir um endereçamento, decidi apostar num “quem sabe semana que vem?”. E, assim, é no posterior que ela relata um sonho, no qual eu a indicava que deveria ir ao atendimento mesmo sem ter nada a falar. Nesse dia, a “escritora” veio.

É ao contar sobre um caderno onde produz escritos, em tom de reflexão, sobre momentos em que está triste, que ela encontra um interlocutor possível, alguém a endereçar e por onde conseguir narrar. Ou seja, é na condição de ter algo para dizer e ter achado um lugar por onde podia dizer (DOUVILLE, 2001) e dizer-se que o caderno se apresenta como um componente que dá sustentação à construção de sua moradia aqui.

Gostaria, ainda, de poder dilatar um pouco a metáfora da moradia, aliando-a à ideia de *collage*, enquanto uma técnica que teve seu início a partir da ascensão das fotografias e do movimento Dadaísta/Surrealista. Trabalho com o termo em francês para poder fazer contraponto com sua tradução, colagem. Essa escolha se dá para pensar o desdobramento da *collage* enquanto um fazer que pensa a separação e a seleção dos fragmentos e imagens para compor algo outro, em oposição à colagem como aquilo que diz simplesmente do ato de colar, grudar.

Desde o início, essa técnica refere-se à escolha dos elementos, o seu recorte. Assim sendo, esse material se configura em pensar de que maneira os fragmentos selecionados podem compor uma *collage* final. E, a partir do encontro que aposta nas aproximações feitas, é possível vislumbrar uma construção outra, composta a partir do material que se tinha, ponderando sobre o que se utiliza e o que não cabe nessa composição. Assim, é nessa produção de novas formas, a partir de uma associação

existente daquilo que pode vir a ser a partir de uma nova elaboração, que a *collage* se relaciona com o fazer moradia.

O baú de fragmentos composto pelas imagens que o collagista foi coletando no decorrer do seu percurso e de onde parte para poder fazer novos arranjos está, desse modo, relacionado ao fazer moradia. Analogamente, é a partir do baú pessoal e singular de experiências, vivências e referências que cada sujeito migrante pode identificar onde se ancorar, reconhecendo por onde pode começar a compor uma nova cena, sua moradia, inscrever-se no laço e sustentar-se nele quando há o encontro com uma situação que o coloca na quase iminência do reencontro com o desamparo.

Lacan (1965) retoma a premissa freudiana de que o artista sempre precede àquele implicado com a psicanálise, com o fazer analítico. Nessa esteira, ao pensar a *collage* analogamente a uma construção nova possível àquilo que diz por onde se pode construir uma Outra cena, podemos considerar que há um possível operador metodológico, bem como efeitos importantes que podem surgir e que referem-se à travessia desses sujeitos que migram. Ademais, Benfica (2020) ressalta que as oficinas propostas aos imigrantes, organizadas por ela junto com outros colegas, formalizaram espaços de movência, de singularidade e de encontros, proporcionando novas configurações. É, portanto, sobre esse deslocamento que vem a dizer daquilo que se seleciona dos fragmentos da vida, para se constituir uma moradia.

Há, contudo, a necessidade de reconhecimento de que nem sempre a possibilidade desse fazer moradia está posta para ser articulada pelo sujeito a partir de suas ferramentas pessoais. Apesar de trabalhar aqui com a migração, pensando-a enquanto possível significante para o deslocamento psíquico, que pode vir a dizer sobre um deslocamento físico-geográfico, é necessário reconhecer que há uma realidade da migração, nos termos do campo social, que incide diretamente nos sujeitos que fazem esse percurso, o qual é, por vezes, permeado por violências.

O deslocamento forçado é realidade, atualmente, de 82,4 milhões de pessoas no mundo, de acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Esse número é efeito de perseguições, conflitos, violências e violações de direitos humanos num grande espectro. Ainda, a realidade violenta experienciada por imigrantes e refugiados, dentro de seu país de origem, expõe esses sujeitos duplamente ao trauma, pois eles são expostos a tais situações e têm os recursos necessários à sua elaboração completamente diminuídos (ROSA, 2016).

Com isso, o desamparo que permeia situações dessa dimensão age diretamente em dessubjetivar os sujeitos ali implicados. Assim, por reconhecer que há uma sobreposição de efeitos políticos sobre efeitos de estrutura (PEREZ, 2010) é que, muitas vezes, a dimensão de escolha não se opera em sua completude, pois há o imperativo da fragilização e a ruptura do tecido social, de maneira que a escolha, ou melhor, a decisão desse movimento seja orientada pela impotência de se viver ali. Dessa maneira, esses deslocamentos forçados se situam como a única possibilidade de horizonte.

Devido a essa migração ser carregada por uma decisão que se relaciona a um trauma, uma ameaça, os efeitos dela são múltiplos. A busca por romper com a alienação mortífera, mudar de lugar subjetivo ou tentar conseguir viver sem medo dizem respeito, desse modo, a movimentos que possibilitaram vislumbrar novas dimensões da vida (ROSA, 2016). Assim, eles objetivam o estabelecimento de um lugar por onde será possível, como efeito máximo, a construção de uma moradia.

Este lugar, segundo Benslama (2009), seria uma parte localizável onde o ser acha um sítio para advir. Nesse deslocamento, muitas vezes a possibilidade do sujeito fazer um começo de moradia dar-se-á pela via da produção de alguma coisa que dê conta de fazer algo com relação à dimensão traumática vivida por esses sujeitos deslocados. Assim, essa produção singular que cada (i)migrante e refugiado pode vir a produzir situa-se, talvez, por algumas vias como inibições, sintomas e produções psicóticas, nem sempre em condições de estrutura, mas em condições daquilo que foi necessário ao sujeito conseguir naquele momento fazer, o sintoma que lhe coube.

Seu lugar, assim, começa a ser inscrito por necessidade extrema de fazer algo com o traumático da violência. Trago esse ponto para situar que, independentemente do que o sujeito faz em relação ao trauma vivido, é necessário que exista alguém a quem possa endereçar e construir uma narrativa sobre sua trajetória. Sobre isso, Douville (2004) afirma que só há palavra humana na medida que há alguém colocado e afirmado como diferente do locutor.

Para dar contorno a essa passagem, apresento outro recorte clínico. A chegada da paciente aos atendimentos deu-se a partir dos efeitos produzidos pela fobia. O seu objeto fóbico, no decorrer dos atendimentos, foi possível ser reconhecido como consequência da perda, quando muito nova, de seu pai de criação, como o nomeia em um primeiro momento.

Para essa narrativa, considero importante pontuar que o luto lhe foi impedido. Desde não ter sido inserida nos rituais de luto, como efeito, a possibilidade de elaborar simbolicamente o momento em questão é colocada em suspensão. Com isso, desde o momento da morte dele até a sua procura por atendimento há a contextualização de produções fóbicas, cortes e ideações suicidas.

Nesse contexto, ao se ver completamente solitária no laço social, visto que muitas são as vezes que retomou um não entendimento de como as pessoas ao seu redor já estavam “seguindo com a vida”, ela seguia presa à cena da perda. Considero sua procura pelo atendimento como uma aposta de ancoragem. Sua movimentação em busca de um espaço, nos atendimentos clínicos, diz sobre aquilo que não foi mais possível de sua produção sintomática dar conta. Assim, a criação de um espaço que pudesse, com ela, fazer uma travessia pelo território da perda foi o que a permitiu ter a elaboração do luto. A partir desse momento, a paciente começa, então, a poder sair de uma cena solitária, vislumbra que a perda afetou os outros também e produz deslizamentos significantes em relação a esse momento.

Dessa forma, é de imprescindível importância existir um espaço de escuta para aqueles sujeitos deslocados. Considerando que lá em seu país de origem não foi possível se fundar e sustentar sua posição desejante, devido à realidade do esvaziamento simbólico o qual os deixava sem referências e possibilidade de construção sobre a violência vivida. Sendo assim, é no lugar de chegada que se aposta na viabilidade de endereçamento, na existência de condições para que o sujeito consiga começar a fazer algo com o real da experiência mortífera.

Contudo, infelizmente nem sempre é essa a realidade de muitos imigrantes e refugiados. Isso porque a grande maioria, ao chegar no seu país de destino, encontra uma estrutura social que visa situá-los à margem da sociedade, de maneira a produzir uma atualização da violência a partir do viés xenofóbico e racista. Que o sujeito seja aquele que desde seu ponto de partida inicial se situa *es-trangeiro* e estrangeiro, vir a ser novamente estrangeiro no lugar de chegada diz respeito àquilo que a migração exigiu dele e exige agora para aportar. Desse modo, tanto a estrangeiridade e a *es-trangeiridade* demandam que uma ficção outra seja criada, que a distância entre aqui e lá seja análoga ao entre que faz o sujeito: entre um significante e outro, a advir.

Se é de deslocamentos, de passagens, que a psicanálise trata, como apresenta Douville (2004), então a necessidade de ler-se em outro lugar é iminente. Considerar o que lhe foi passado, reconhecer-se exilado e *es-trangeiro*, exige do sujeito que ele

faça algo. E essa construção nova se articula profundamente singular e autoral, é ela que será o prumo para que possa identificar e constituir sua via de filiação com aquele território de origem. Ademais, Lisette Weissmann (2017) ressalta isso quando fala sobre o trabalho psíquico exigido na migração. O movimento de abandono das referências, o qual implica essa movimentação, é o que habilita, segundo a autora, a conquista de um novo universo. E, ao tomar para si a decisão sobre o que deixou para trás, será possível apropriar-se do território onde habita e onde procura fazer moradia.

5 CONCLUSÃO

Por onde é possível pensar o sujeito migrante no seu fazer moradia? Talvez, uma das possibilidades seja sobre reconstruir sua realidade subjetiva. Longe de tentar relativizar os deslocamentos forçados, tirando-lhes a seriedade e a gravidade da violência, é necessário reconhecer que toda e qualquer migração, inclusive a que diz respeito aos deslocamentos pelo território psíquico, exige que algo seja feito, permitindo ao sujeito se sustentar no laço social. Nesse sentido, concordo com Gonzalez (2016), quando pontua que residir requer inovação e, com isso, são convocados a criarem e dar espaço ao novo.

É importante pontuar, ainda, que nada se faz desatrelado das responsabilidades que o social tem com o sujeito. Perez (2016) diz que a migração é uma questão política e, dessa forma, as decisões desse campo incidem nos processos de subjetivação das pessoas. Assim, dos deslocamentos forçados aos quais os sujeitos são expostos, o social é ponto fundamental para que este consiga não só fazer seu movimento singular, mas também achar quais vias e por onde pode construir o mapa de sua trajetória até sua moradia.

Seja por ter acesso à escuta por meios públicos ou privados, para que se torne possível sua travessia; seja pelos países, estados e cidades de chegada se implicarem com os efeitos que os percursos podem ter nos sujeitos; que a sociedade como um todo vise se implicar com sua história e memória social, para que estrangeiros sejam incluídos no laço social de maneira digna. Desse modo, é necessário que, onde se chega, exista condições para se fazer algo e não apenas produzir uma atualização do desamparo, desterritorialização e desenraizamento.

Para tanto, reconhecer o entrelaçamento que a política tem na vida dos sujeitos é afirmar que questões políticas exigem ações políticas (SAFATLE, 2020). E essa pontuação se faz extremamente necessária nesse contexto, pois convoca aqueles que acolhem os sujeitos migrantes a não generalizar e patologizar sofrimentos a partir de uma perspectiva fechada, mas sim escutá-los em sua singularidade e compreender como ela é afetada pelas condições do público.

Com certeza a travessia não é um trabalho fácil para nenhum dos sujeitos envolvidos. Ela exige dele, do migrante, criatividade, e este, por sua vez, nem sempre chega sabendo como acessá-la. Em relação às pessoas que se propõem a escutar,

exige-se que não fechem seus ouvidos, que se apresentem como um outro possível a ser endereçado.

Tampouco será simples e rápido reconstruir-se subjetivamente, considerando que há, nesse processo, a necessidade de romper com algumas construções identitárias para se ver cindido e, assim, reconstruir algo novo. Por fim, sem nenhuma intenção de concluir, trago a estrofe de Fernando Pessoa³ a partir de uma produção pessoal:

Imagem 5 – “Evadido”



Artista: Luiza Pires Roos.

Fonte: Acervo pessoal (2021).

A fuga, contextualizada a partir das migrações a que me propus pensar no presente escrito, é um ato muito importante e diz respeito à sobrevivência física e psíquica dos sujeitos que migram. Essa necessidade de deslocamento fica evidente quando pensamos que, mesmo durante uma pandemia global, como a da COVID-19, o número de sujeitos em deslocamento aumentou, como demonstrou o Relatório

³ “Sou um evadido
Logo que nasci
Fecharam-me em mim
Ah, mas eu fugi”.

Mundial Sobre Migrações 2022 (OIM). Ou seja, a necessidade de busca de um lugar outro, com horizontes diferentes nunca cessa e sempre se coloca aos sujeitos.

Entretanto, fugir não basta. É necessário que o sujeito encontre meios de apropriação de seu movimento migratório, que escolha o que leva e, principalmente, o que não leva. Que possa, através da nova língua, nesse novo território, conseguir rearranjar os restos e vislumbrar as brechas por onde circular e que venha, por fim, fazer sua moradia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS. **Dados sobre refúgio**: 82,4 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a se deslocar. Brasil, 18 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

ANCONI, M. R.; BETANCOURT, E. R. **Psicanálise afora**: percurso e clínica de psicanalistas brasileiros no estrangeiro. São Paulo: Blucher, 2021.

ARANTES, M. A. A. C. **Pacto revelado**: psicanálise e clandestinidade política. 2 ed. São Paulo: Escuta, 1999.

BENFICA, A. G.; KRUCKEN, I. Encontrar o ponto de partida. In: BENFICA, A. G.; KRUCKEN, I. (Org). **O exílio pode ser casa?** Poéticas e refúgios em migração. 1 ed. Belo Horizonte, Cas'a, 2020.

BENSLAMA, F. Exil et transmission, ou mémoire en devenir. **Le français aujourd'hui**, n. 3, 2009.

COUTO, M. **Antes do nascer do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.

DOUVILLE, O. Uma melancolização do laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. 2004, v. 7, n. 2, p. 179-201. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982004000200001>>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ESTEVÃO, I; RATTI, F. Instituição e o ato do psicanalista em sua extimidade. **Opção Laciana online Nova Série**, ano 6, n. 18, s.p, nov., 2015.

FERNANDES, S. **Se quiser mudar o mundo**. São Paulo: Planeta, 2020.

FERRANTE, E. **Dias de abandono**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

FLEIG, M. Metapsicologia do sujeito moderno. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 1999, v. 12, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300014>>. Acesso em: 08 de jan. 2022.

FREUD, S. O inquietante. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil**: o homem dos lobos / além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FUÃO, F. F. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GALHOZ, A. M. **Obra poética de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996

GEBRIM, A. Língua materna, língua estrangeira: reflexões sobre a língua do analista. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 1, p. 9, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/reflexoes-sobre-a-lingua-do-analista/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

GONZÁLEZ, F. J. Only what is human can truly be foreign: The trope of immigration as a creative force in psychoanalysis. In: BELTSIOU, J. (Org). **Immigration in psychoanalysis: Locating ourselves**. Londres: Routledge, 2016. p. 15–38.

GRANON-LAFONT, J. **A topologia de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. **O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JOEL, D. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

KOLTAI, C. **O estrangeiro: um conceito limite entre psicanalítico e político**. 1997. 192 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NAÇÕES UNIDAS. Mundo registrou cerca de 281 milhões de migrantes internacionais no ano passado. **ONU News Perspectival Global Reportagens Humanas**. Brasil, 1º de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/12/1772272>>. Acesso em: 07 dez. 2021.

MELMAN, C. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. São Paulo: Escuta, 1992.

MILLER, J-A. **Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan**. Opção Lacaniana, n. 43. São Paulo: Edições Eolia, 2005. p. 7-91.

MONTEIRO, M. P. A topologia de Lacan. **Estud. psicanal.** Belo Horizonte, n. 41, p. 133-139, jul. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 08 jan. 2022.

PEREIRA, L. S. **Um narrador incerto: entre o estranho e o familiar: a ficção machadiana na psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia das Freud, 2004.

PEREZ, V. **Exílios, migrações e fronteiras**. In.: Migrações e fronteiras entre estruturas. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2010. p. 99-110.

PUJO, M. Trauma e desamparo: clínica do desamparo. **Revista psicoanálisis y el Hospital**. Buenos aires, v.17, 2000.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 51 ed. São Paulo: Editora Record, 1983.

RESSTEL, CCFP. Desamparo psíquico. In: RESSTEL, CCFP (Org). **Desamparo psíquico nos filhos de *dekasseguis* no retorno ao Brasil**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 87-104.

ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face à dimensão sociopolítica do sofrimento**. 2 ed. São Paulo: Escuta/FAPESP, 2018.

ROSA, M. D. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. In.: COMISSÃO DE PERIÓDICOS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (Org). **Adolescência: um problema de fronteiras**. Porto Alegre, APPOA, 2021.

ROOS, L. P. A clínica com imigrantes: ações de extensão possíveis durante o ano de 2020. In.: 36ª JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA. **Anais... [...]** Santa Maria, UFSM, 2021.

SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, E. (Org). **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60

SAFATLE, V. **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFATLE, V. **Lacan**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

SOUZA, N. S. O estrangeiro nossa condição. In: KOTAIL, C. (Org). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 155–163.

TROCOLI, F. Escrever o exílio, remontar a vida. In: BENFICA, A. G.; KRUCKEN, I. (Org). **O exílio pode ser casa? Poéticas e refúgios em migração**. 1 ed. Belo Horizonte, Cas'a, 2012.

VELOSO, C. **Alegria, Alegria**, maio de 2021. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WL8l8olaMml>>. Acesso em: 08 jan. 2022.

VIÑAR, M. O sujeito em exílio: entre o ser da intimidade e o ser da violência política extrema. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 167-176, mar. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000100013&lng=pt&nr](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000100013&lng=pt&nr=m=iso) m=iso. Acesso: em 08 jan. 2022.

ZYGOURIS, R. De alhures ou de outrora ou o sorriso do xenófobo. In: KOTAIL, C. (Org). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 193–210.

ANEXO 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA



TERMO DE ESCLARECIMENTO

O Programa de Extensão Núcleo de Psicanálise, vinculado ao Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) e ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), disponibiliza atendimento psicológico para imigrantes e refugiados através do projeto **Intervenção Psicossocial com Imigrantes e Refugiados**, registro número 053640, em parceria com o MIGRAIDH - Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional da UFSM, responsável pela CÁTEDRA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO DA UFSM.

Para a sustentação e efetivação dos atendimentos e tratamentos, ressalta-se a necessidade de comprometimento e de implicação com o trabalho por parte dos pacientes. Neste sentido, demarca-se a importância da assiduidade e, em situações excepcionais que impossibilitem o comparecimento, a importância da comunicação prévia ao responsável pela escuta clínica. Para a modalidade de atendimento remota (online síncrona), salienta-se que o paciente deve dispor de dispositivo tecnológico que permita o mesmo, bem como, reservar-se em local onde o sigilo da sessão possa estar garantido.

Todos os atendimentos são pautados pela Ética que rege a profissão do psicólogo, sendo que se manterá o caráter confidencial das informações registradas, salvo exceções previstas pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo. Informamos que, por se tratar de um serviço vinculado à Universidade, os registros documentais poderão ser utilizados para fins de estudos, mantendo-se a privacidade dos casos atendidos.

A equipe do Núcleo de Psicanálise pode ser contatada através da secretaria da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), através do telefone 3220-9229 ou do e-mail: ufsmceip@gmail.com. As técnicas responsáveis pelo projeto **Intervenção Psicossocial com Imigrantes e Refugiados** são as psicólogas: Amanda Schreiner Pereira (CRP 07/11992) e Gabriela Oliveira Guerra (CRP 07/17457).

Pelo presente Termo de Esclarecimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e do funcionamento do Projeto e que estou de acordo com o exposto acima.

Data ___/___/___.

Nome e assinatura do paciente:

Psicólogo, estagiário ou extensionista responsável pelo atendimento/ CRP:

Coordenadora do Projeto e supervisora:

Gabriela Oliveira Guerra
CRP07/17457

ANEXO 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA
CLÍNICA DE ESTUDOS E INTERVENÇÕES EM PSICOLOGIA - CEIP



TERMO DE ESCLARECIMENTO 2021/2022

A Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), serviço-escola do Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tem como objetivo possibilitar atividades de estágio aos acadêmicos desta instituição, bem como prestar serviços psicológicos à comunidade. Este termo refere-se ao serviço de atendimento e tratamento psicológicos na Clínica.

Para a sustentação e efetivação destes espaços ressalta-se a necessidade de comprometimento e de implicação com o trabalho por parte daqueles que procuram a CEIP. Neste sentido, demarca-se a importância da assiduidade nos atendimentos e, em situações excepcionais que impossibilitem o comparecimento, a importância da comunicação prévia à Clínica. Para a efetivação dos mesmos na modalidade de atendimento remota (online síncrona), o paciente deve dispor de dispositivo tecnológico que permita sua realização, bem como reservar-se em local onde o sigilo da sessão possa estar garantido. Todos os atendimentos são pautados pela Ética que rege a profissão do psicólogo, sendo que se manterá o caráter confidencial das informações registradas, salvo exceções previstas pelo Código de Ética.

Informamos que, por se tratar de um serviço vinculado à Universidade, os registros documentais poderão ser utilizados para fins de estudos, mantendo-se a privacidade dos casos atendidos. A secretária da CEIP, cujo responsável é o servidor Marlos da Fontoura Rodrigues, pode ser contatada através do telefone (55)3220-9229 ou do e-mail: ufsmceip@gmail.com. As técnicas responsáveis pela CEIP são as psicólogas: Aline Bedin Jordão (CRP 07/11907), Amanda Schreiner Pereira (CRP 07/11992) e Gabriela Oliveira Guerra (CRP 07/17457).

Pelo presente Termo de Esclarecimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e do funcionamento da CEIP e que estou de acordo com o exposto acima.

Data ___/___/___.

Nome e assinatura do paciente: _____

Responsável, quando for o caso: _____

Estagiário da CEIP: _____

Supervisor da CEIP: _____